

**DRAMATURGIA SENEQUIANA:
UM OLHAR INTERDISCIPLINAR
SOBRE A “MEDEIA”, DE EURÍPEDES E A DE SÊNECA**

Isabelle Soares S. Antonio (UERJ)

isabellesoares.at@gmail.com.br

Márcio Luiz Moitinha Ribeiro (UERJ)

marciomoitinha@hotmail.com

Mariana Fourquet B. Camacho (UERJ)

mar.fourquet@gmail.com

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo o estudo da obra senequiana com enfoque em “Medeia”, comparando-a com a peça de mesmo nome escrita pelo grego Eurípedes – grande influenciador, na escrita de Sêneca. Para isso, buscamos uma visão interdisciplinar sobre o último autor marcante de tragédias da Antiguidade, a partir de sua afinidade com o estoicismo, sua obra, suas ideias para a educação e sua influência aos pensadores modernos, em áreas, como a pedagogia, a filosofia e a literatura. Sêneca apresenta, em seus escritos, pensamentos, que atravessaram o tempo, que dialogaram com diversos momentos da história. O objetivo dessa leitura é perceber as semelhanças, tanto estilísticas, como temáticas das duas Medeias, assim como suas diferenças, que vão, desde o enredo, até aos aspectos culturais e sociais.

Palavras-chave:

Eurípedes. Medeia. Sêneca.

ABSTRACT

This paper has as its object the study of the Senecan work, focusing on “Medea”, comparing it to the play by the same name written by the Greek Euripides – a great influence to the Senecan writing. For that end, an interdisciplinary view on the last outstanding tragedy author of Ancient time, based on his affinity with Stoicism, his work, his ideas on Education and his influence on modern thinkers in areas such as Education, Philosophy and Literature is sought. Seneca presents in his work thoughts that transcend time and dialogue with different moments in History. The goal of this reading is observing the similarities, both in style and in the theme between both Medeas, as well as their differences, that range from the plot to the cultural and social aspects.

Keywords:

Euripides. “Medea”. Seneca.

Um dos últimos dramaturgos de tragédia importantes, em Roma, Sêneca (*Lucius Annaeus Seneca*), tinha suas peças inspiradas, nas gregas,

sobretudo, em Eurípedes. Além do destaque, na dramaturgia, Sêneca foi um importante filósofo, que, baseado no estoicismo, se preocupava com a educação dos romanos, tendo influenciado o pensamento da pedagogia ocidental.

Em uma época na qual as tragédias já não eram mais o grande foco das encenações, Sêneca se destaca, na dramaturgia, sendo “Medeia” uma obra importante para a compreensão do pensamento senequiano. A partir da comparação com a “Medeia”, de Eurípedes, importante dramaturgo grego do século V a.C., é possível observar de que forma Sêneca apresenta a originalidade de sua obra, mesmo se baseando, em uma história já contada e uma lenda bastante conhecida.

Sêneca teve sua vida, em Roma, entre os anos 4 a.C. e 65 d.C., durante os governos de Augusto, de Tibério, de Calígula, de Cláudio e de Nero, tendo tido uma relação conturbada com a maioria desses imperadores. Acusado de adultério com uma irmã de Calígula, é exilado, já no império de Cláudio, no ano 41. Retorna, em 49, para se tornar tutor de Nero, estabelecendo uma relação que duraria anos e que, no entanto, terminaria com uma ordem de suicídio, após Sêneca tentar romper de vez os laços com o imperador.

Além de “Medeia”, peça da qual falaremos logo adiante, Sêneca escreveu outras obras trágicas, como por exemplo “Édipo”, inspirada em Sófocles, “Fedra, Tiestes e Agamêmnon”. Não foi, no entanto, apenas pelas tragédias que ficou conhecido, tendo-se dedicado também a outros gêneros, como os “diálogos”, com características de ensaio e de carta, com princípios morais e éticos nos quais acreditava para o cidadão romano.

Nesse período histórico, já após a forte influência do helenismo, o pensamento romano agregava visões que não se restringiam à forma de viver, na Grécia, mas que sofria influência de outros países e também uma consolidação da consciência da própria organização romana, somado ao orgulho de ser um grande império. Vejamos uma passagem de José Joaquim Pereira Melo:

Na fase inicial, por estar sob a tutela do pensamento grego, o helenismo ainda considerava a razão como solução para os problemas do homem; mas, ao longo do tempo, com a fusão entre os valores gregos e as mais diversas tradições culturais, foi ocorrendo um rompimento com a filosofia racional. Nesse novo cenário, o cidadão era concebido como um ser que estava impossibilitado de interferir na vida da pólis; o homem deixara de ser o animal político que participava ativamente dos destinos

da cidade. Nessa forma de entendimento, a vida pública era substituída pela vida privada. As preocupações coletivas cediam lugar às preocupações individuais. (MELO, 2003, p. 8)

Assim, a partir desse pensamento, a vida pública não era necessariamente mais importante do que o olhar individual sobre si mesmo, enquanto cidadão. Havia o objetivo de libertar o indivíduo do que era considerado ruim à vida, levando-o a saber superar os obstáculos a partir da consciência individual, que, ao mesmo tempo, se relacionava com uma visão universal do que é ser um cidadão.

Também sob influência desse pensamento, Sêneca pautou sua filosofia, na corrente estoíca de Zenão (cerca de 490/485 a.C. – 430 a.C.), sendo esse um dos principais embasamentos para sua visão do indivíduo, que deve caminhar a partir de si mesmo para se tornar um ser humano melhor.

A partir do estoicismo, a filosofia senequiana se baseou, na ideia de seguir a ordem natural das coisas. Já havendo a ideia do ser humano como um animal racional, nada mais coerente do que seguir a natureza, ou seja, a razão. Para isso, era preciso encontrar em si mesmo esse caminho, mas não sem ajuda, tendo sempre um mentor que pudesse guiar nesse processo de *autoeducação*, em busca da regeneração da alma humana, através da razão:

Para ele a filosofia é a via para a virtude (*uirtus*), que identifica com o soberano bem. O homem deve preocupar-se, acima de tudo, com esta caminhada em direção à virtude (*uirtus*). Para isso tem de aceitar o que a vida lhe traz e submeter-se apenas à razão (*ratio*), de forma a manter a tranquilidade de espírito. Porque o sábio deve conduzir os que o rodeiam à virtude, a participação nos assuntos públicos constitui um excelente meio de ajudar um maior número de pessoas. Foi o que procurou fazer ao educar e aconselhar Nero e, mais tarde, perante as atrocidades do imperador, não podia senão afastar-se, pois o sábio, quando já não pode ser útil, tem de, pelo menos, salvaguardar a sua pessoa. (SOUZA, 2013, p. 15)

A educação surge aqui como um método pedagógico para seguir o caminho do bem e da virtude para a alma humana, sendo preciso se dedicar à razão e se afastar das questões do corpo. De acordo com essa filosofia de Sêneca, a paixão, a raiva e outros sentimentos que partiam apenas da sensibilidade e do corpo poderiam atrapalhar esse processo de *autoeducação*, assim, não deveria haver excessos de emoções. Nota-se aqui uma influência platônica, no que diz respeito à divisão entre o mundo sensível e o mundo das ideias:

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

De fato, este nosso corpo é para o espírito uma carga e um tormento; sob o seu peso o espírito tortura-se, está aprisionado, a menos que dele se aproxime a filosofia para o incitar a alçar à contemplação da natureza, a trocar o mundo terreno pelo mundo divino. Esta a liberdade do espírito, estes os seus vãos: subtrair-se ocasionalmente à prisão e ir refazer as forças no firmamento! (Cartas 65,16, *apud* MELO, 2003, p. 11)

Tais ideias influenciaram diretamente os pensadores da Idade Média, que recorreram à Antiguidade para respaldar suas ideias. Como Santo Agostinho, que foi um dos primeiros desse período a sugerir que o cristão deveria voltar para si mesmo a fim de se encontrar com Deus. Montaigne aparece mais tarde, trazendo a importância da "escrita de si" para o encontro consigo mesmo.

A valorização exacerbada da razão retorna, no Iluminismo, com Kant, por exemplo, que sugere que o nosso olhar passe pelo filtro da razão, a fim de iluminar verdadeiramente o pensamento. Para Sêneca, a razão precisa corrigir a alma para o caminho de sua regeneração. A razão leva o indivíduo ao caminho da virtude, sendo esta essencial para suportar os desafios e obstáculos da vida, pois o estoicismo traz a ideia de aceitar as condições da natureza, da vida, ou seja, não se voltar contra elas, mas sim saber lidar racionalmente com o que surgir. Ideia que o próprio Sêneca apresenta em uma carta escrita a Lucílio: “[...] não que as dificuldades sejam desejáveis, mas a virtude é desejável, pois nos permite pacientemente suportar dificuldades.” (Carta 67)

1. Tragédias

Como dito anteriormente, Sêneca foi o último grande autor de tragédias de Roma, sendo de grande importância para o teatro, para a literatura e para a filosofia, até a atualidade, pois as características de suas obras foram de um diferencial marcante. Em primeiro lugar, suas peças, em comparação com as gregas, não eram feitas para a encenação dramática, mas sim para a declamação, por estar em um momento histórico no qual quase não havia mais encenações, sendo as peças exibidas para uma pequena elite nobre, que tinha acesso aos antigos mitos helênicos. Justamente, por isso, as personagens apresentavam longos monólogos, e os diálogos costumavam ser bastante estáticos. “A despeito de alguma coincidência temática, as de Sêneca possuem características próprias e são marcadas [...] por uma retórica apuradíssima – afinal o autor era um grande orador [...]” (MARTINS; 2009, p. 130).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

As diversas tragédias senequianas abordavam temáticas diferentes entre si, e o objetivo era demonstrar de maneira direta como os emoções excessivas eram prejudiciais e um obstáculo para uma vida plena e equilibrada. Há, também, a ausência de clímax, em suas obras, porque todo o enredo se alicerça, em um desfecho óbvio, tudo é previsto e anunciado, desde o início da leitura. Suas peças são lineares e monótonas, o que reforça a teoria de que eram feitas para a declamação e não para a encenação. Zélia de Almeida Cardoso, em sua obra, *Literatura Latina*, reforça essa teoria:

No que diz respeito à progressão de ação, as peças de Sêneca se diferenciam das Gregas. Enquanto estas são bastante movimentadas, as latinas são, até certo ponto, estáticas, fato que reforça a impressão de que foram escritas para a declamação e não para a encenação teatral propriamente dita. A falta de movimentação se acrescenta a falta de clímax. Na maioria dos casos a situação é crítica desde o início; a catástrofe não acontece como algo inesperado, mas como realização de uma previsão. (CARDOSO, 2011, p. 44)

Uma das razões possíveis para esse tipo de construção textual deve-se à sua filosofia estoíca, que prezava pelo equilíbrio de tudo, dessa forma, pode notar-se que a “tragédia anunciada” de suas personagens deve-se justamente à sua falta de equilíbrio, seus ímpetos levam sempre à desgraça e não existe a necessidade de reviravoltas ou surpresas, na trama, pois as ações das personagens as guiam para um único desfecho possível, que nas obras de Sêneca são marcados pela sanguinolência - uma característica interessante, pois para compensar a falta de ação, Sêneca descrevia com uma riqueza de detalhes as cenas carregadas de violência. A leveza dos mimos e das comédias estavam em voga, naquele período, o que diminuía ainda mais o espaço das tragédias, que exigiam retórica e eram austeras, em demasia, ao mesmo tempo, os episódios circenses, violentos e espetaculares também disputavam espaço com o teatro, o que diminuía ainda mais a importância desse tipo de obra para o público de sua época. Sêneca escrevia para um público muito restrito e, como recurso para manter as atenções para sua obra, abusava de imagens viscerais e grotescas; como a cena na qual Medeia corta a garganta de seu filho e joga aos pés de Jasão.

As personagens de suas tragédias são detalhadamente caracterizadas, por conta da característica das obras, e em seus monólogos é perceptível a riqueza, durante as suas composições. Suas personalidades e *psiques* tão diferentes entre si demonstram o quanto detalhista e atento era o autor durante seu trabalho de escrita. É possível perceber, durante a leitura

ra de suas peças as minúcias de seus pensamentos e de seus conflitos internos, o que é inerente em suas personagens mais marcantes. Zélia de Almeida Cardoso, obra já citada, explica a construção dos caracteres presentes, nas figuras trágicas das peças senequianas:

Um dos maiores méritos do escritor reside nas construções das personagens. Sêneca é mestre na arte de compor figuras dotadas de grande vigor. O acento intencional dos traços de personalidade faz com que algumas das personagens se assemelhem a grandiosas caricaturas trágicas. (CARDOSO, 2011, p. 44)

Dentre as múltiplas características dessas personagens, existe uma particularidade que é muito presente e que as tornam únicas: o constante estado de conflito em que elas se encontram, a luta interna entre razão e paixão, ou seja, o confronto entre o que faz delas inerentemente humanas, segundo a filosofia estoíca e o que as afasta de sua humanidade, os sentimentos exacerbados. Para Sêneca, esse conflito era o que marcava sua filosofia e estilo de vida, e a catástrofe era a única consequência possível para aqueles que rendiam-se às paixões extremas. Nesse contexto, podemos compreender que o teatro senequiano também possuía um caráter didático e pedagógico. É possível compreender essa construção das personagens senequianas analisando mais um trecho de *A Literatura Latina*, de Zelia Cardoso:

Um dos traços que caracterizam as figuras de Sêneca é a luta que se lhes trava, no mundo interior, entre a razão e as paixões. [...] A catástrofe não é provocada por forças estranhas ao ser humano, exteriores e superiores. Desencadeia-a o próprio homem no momento em que cede às paixões. (CARDOSO, 2011, p. 45)

Outro ponto de destaque das tragédias senequianas é a caracterização cuidadosa de personagens femininas. Todas as mulheres encontradas em suas 9 peças possuem diferenças marcantes entre si e são ricas, em detalhes e nuances. Dentre elas, destacaremos Medeia, a feiticeira bárbara do reino de Cólquida e companheira de Jasão. Durante o mito dos Argonautas, com suas facetas e com suas motivações únicas, Sêneca utiliza de uma linguagem única e de sua forte capacidade de retórica para construir, não apenas, uma personagem rica, em seus caracteres, mas também, como uma ferramenta crítica à sociedade de sua época.

2. Medeia: de Eurípedes a Sêneca

Sêneca era um grande leitor das tragédias helênicas e se inspirou, nos grandes tragediógrafos da antiguidade, como Sófocles e Ésquilo, mas

quem mais influenciou na escrita senequiana foi Eurípedes, que viveu, na Grécia, no século V a.C. Dentre as inúmeras obras que o filósofo romano emulou de seu antecessor, estão: *Hércules* (que para Sêneca ficou “Hércules Furioso”), “As Troianas”, “Hipólito – Fedra”, “As Fenícias”, “Medeia”, que daremos enfoque, no presente artigo.

Apesar de emular a temática e as personagens, existem semelhanças e diferenças fundamentais, em ambas as obras (“Medeia”, de Eurípedes e de Sêneca), que vão muito além do contexto de época e do social de cada um. As semelhanças principais estão no enredo e no contexto das obras. Ambas se passam anos após a fuga de Jasão e Medeia de Ioclos, depois do assassinato de Peleias; nas duas versões, o herói abandona a feiticeira e seus filhos a fim de se casar com Creúsa, filha do rei Creonte, e este, temendo a ira da bárbara, a exila, com as crianças, mas em um momento de piedade, o rei lhe dá um dia, que Medeia o utiliza para elaborar sua vingança contra aqueles que a traíram.

As principais marcas, no entanto, estão na diferença, entre os autores, que carregam em si suas visões de mundo em relação ao contexto em que as peças estão situadas. Eurípedes, no contexto grego, utilizava-se dos recursos dramáticos, tendo em vista que elas eram encenadas; já Sêneca, como foi dito anteriormente, tinha suas peças escritas, em prosa, e eram construídas para a declamação, abusando da retórica, da ironia e das metáforas, além dos discursos violentos e efeitos brutais.

Fato importante para a compreensão das Medeias – senequiana e eurípidiana – é compreender o contexto no qual as mulheres estão inseridas, nas sociedades, gregas e romanas. Na Grécia, as mulheres não gozavam de nenhum direito, ficando confinadas, quando oriundas da nobreza, no *gineceu*, no qual passavam praticamente a vida toda, não havia participação do sexo feminino, no funcionamento da *Pólis*, tendo em vista que não se considerava a mulher como cidadã, ocupando quase a mesma posição social de crianças e escravos, sendo pouco mais do que uma reprodutora; em Roma, apesar de ainda não haver igualdade, as mulheres possuíam uma participação mais ativa, na vida cotidiana, e, no caso das casadas – ou matronas, como eram chamadas – tinham um grau razoável de autonomia, na manutenção do lar, se comparada com as gregas. Nesse contexto, vale citar o trabalho “Medeias: a caracterização da personagem feminina, nas tragédias de Eurípedes e Sêneca”, de Giovana dos Santos e Marisa Silva, em seu trabalho nos ensina que:

Na sociedade grega, a mulher era um símbolo de fraqueza; não podendo ter os mesmos direitos dos homens e nem podendo realizar a mes-

mas funções sendo considerada um ser inferior. [...] Em todo o caso, as mulheres, as crianças e os escravos não eram considerados cidadãos. Eram membros da família (mulheres e crianças), mas só indiretamente é que eram membros da cidade [...] (SANTOS; SILVA; 2007, p. 443)

Algumas diferenças de destaque também aparecem durante a narrativa: em Eurípides, quem dá início ao prólogo é a ama, figura muito importante nas tragédias gregas; em Sêneca, todavia, é dada voz à própria Medeia, que lamenta sua situação e suas desgraças, por causa da traição de seu amado. Esse ponto é de grande importância, pois senota que a obra de Eurípides é mais completa e cheia de recursos teatrais, já a de Sêneca, por ser mais voltada para a leitura, tem diálogos mais diretos.

Na obra de Eurípides, a fim de expor a verdadeira natureza da mulher e, também para criticar a estrutura da *polis*, o autor utiliza Medeia como uma mulher bárbara e livre das limitações da moral grega, pois elas dificilmente seguiriam um rumo tão extremo, pois, frente a esse tipo de situação, seriam devolvidas aos seus pais, em caso de abandono marital. Nota-se então que, ao se valer de uma mulher não-grega, Eurípides demonstra que a verdadeira natureza feminina reside nos princípios mais brutais e imperdoáveis da sociedade humana. Medeia euripídiana é vingativa, maquiavélica e usa sua inteligência para se vingar de Jasão, além de ser altamente consciente das injustiças cometidas, seu ódio a move, em seus atos. Dessa forma, Eurípides enfoca sua crítica social, quanto à estrutura da sociedade grega.

Medeia, de Sêneca, no entanto, têm motivações distintas; apesar da traição, ela ainda se demonstra apaixonada pelo líder dos Argonautas, o objetivo de Sêneca é expor sentimentos extremos, portanto, para fins de recurso retórico, sua personagem é menos inteligente e movida puramente pelo amor que ainda sente. Diferentemente, também, no seu primeiro encontro com Jasão, Medeia senequiana quase é convencida, quando este afirma que tudo o que estava fazendo era pensando, no seu futuro e no de seus filhos, ao melhorar sua posição social dentro da sociedade grega e, para tal, tinha a necessidade de contrair votos com a princesa Creúsa. Por não ser tão inteligente quanto a outra versão, Medeia é, constantemente dominada pela cólera, outro extremo abominado pelo tragediógrafo romano.

A cena mais dramática de ambas as versões reside, no infanticídio, o momento extremo no qual a feiticeira de Cólquida executa seus filhos com o objetivo de concretizar seus planos, em ambas as obras, essa cena está presente, o que muda, porém é a motivação de ambas as mulhe-

res e é, nesse contexto, que as duas obras demonstram-se tão distintas: a versão de Eurípidés tem como objetivo puramente a vingança contra Jasão, esse é seu ato triunfal contra aquele que a traiu, mas ela não acontece de maneira dramática, ou seja, não é visto o momento em que Medeia mata as crianças; já em Sêneca, Medeia comete esse ato como última prova de seu amor completo e infinito por Jasão, ou seja, para ela, o que deve ser vitorioso é seu amor pelo herói e ela vai até às últimas consequências para expor esse sentimento; em seu último ato de loucura, é onde reside a tragédia senequiana, a vitória de uma grande paixão em detrimento do pensamento racional e do equilíbrio.

3. Considerações finais

Para comparar as duas obras, foi preciso compreender melhor o pensamento de Sêneca, não só a estrutura de suas tragédias, mas as idéias, que nortearam o seu fazer dramaturgico. Embora inspirado em autores gregos, o autor romano não perdeu sua originalidade, sabendo atualizar um mito conhecido para o seu contexto histórico e suas predições filosóficas.

Notando-se essas diferenças e semelhanças essenciais, é possível compreender porque Sêneca é tão importante até à atualidade. Assim atuando, em diversos gêneros, Sêneca influenciou as ideias de diferentes épocas, tendo sido importante para a pedagogia, para a filosofia e para a literatura. O filósofo romano traz consigo o fator essencial para sua atemporalidade e a compreensão do motivo por trás da sua obra ser tão amplamente difundida e servir de inspiração para grandes momentos da história humana, seja ela da antiguidade ou de tempos mais modernos.

É possível concluir que a obra senequiana é rica e aborda temáticas atemporais, como as oposições entre razão e paixão, traição e fidelidade, amor e ódio, também aponta os extremos do que é ser humano e, ainda segundo a proposta do próprio filósofo estoico, somente através do equilíbrio e da racionalidade é que o homem segue sua própria natureza.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOTELHO, José Mario. *Pequeno dicionário de latim-português*. 3. ed. Rio de Janeiro: Botelho, 2014.

BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia: histórias de deuses e*

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

heróis. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. p. 133-40

CARDOSO, Zélia de Almeida. *A Literatura Latina*. 3. ed. rev. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

EURÍPIDES. Medeia. In: ÉSQUILO; SÓFOCLES; EURÍPIDES. *Prome-teu acorrentado; Édipo Rei; Medeia*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

MARTINS, Paulo. *Literatura Latina*. Curitiba: IESDE Brasil S. A, 2009.

MELO, José Joaquim Pereira. O Conceito de Educação em Sêneca. In: *Revista CESUMAR – Ciências Humanas e Sociais Aplicadas*. Janeiro, 2003.

NOVAK, Maria da Glória. *Medeia de Sêneca*. In: *Letras Clássicas*. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1999.

SANTOS, Giovana Gonçalves dos; SILVA, Marisa Correa. Medeias: a caracterização da personagem feminina nas tragédias de Eurípides e Sêneca. In: *CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS*. 3, 2007, Maringá. Anais, 2009. p. 440-47

SÊNECA, Lucius. *Medeia*. Trad. do Latim, introdução e notas de Ana Alexandra Alves de Sousa. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013. (Coleção Autores Gregos e Latinos Série Textos)

SÊNECA, Lucius. *Carta de um estoico, volume II – um guia para a vida feliz*. Seleção, introdução, tradução e notas de Alexandre Pires Vieira. São Paulo: Montecristo, 2017.